

A utilização do *blog* em uma sequência didática para produção textual na aula de redação

Daniella de Almeida Santos Ferreira de Menezes¹
Marcelo Ferreira de Menezes²

Resumo

O presente relato de experiência trata de uma atividade de produção textual desenvolvida com alunos com Ensino Médio completo numa escola militar onde se formam sargentos especialistas de Aeronáutica. O objetivo é desenvolver as habilidades da leitura e primordialmente da escrita por meio de uma fonte mais dinâmica, de modo a torná-los leitores e produtores de texto mais proficientes e autônomos. Para tanto, adotou-se como estratégia pedagógica a utilização do *blog* numa sequência didática cujo gênero discursivo estudado é a dissertação escolar. Para a análise do *corpus* serviram como fundamentação teórica os pressupostos sobre educomunicação, bem como as noções de gêneros discursivos, polifonia e dialogismo.

Palavras-chave: educomunicação; polifonia; dialogismo.

Introdução

É notório para todos os que estão envolvidos no universo da Educação que os estudantes, de um modo geral, têm concluído o Ensino Médio sem a necessária proficiência na modalidade escrita de expressão. Tal constatação tem gerado no professor ansiedade na tentativa de sanar um problema de difícil solução e muitas vezes frustrações em decorrência do fracasso de abordagens metodológicas que não chegam a produzir resultados qualitativa e quantitativamente satisfatórios. Prova disso são as inúmeras pesquisas que têm como objeto de investigação o ambiente de sala de aula e as

¹ Mestre em Linguística Aplicada

² Professor de Língua Portuguesa

Professores de Português da Escola de Especialistas de Aeronáutica - EEAR



relações entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem.

Nesse contexto, a sala de aula não pode ser vista como uma dimensão que se esgota em si mesma; pelo contrário, nela devem ser abertas novas possibilidades de abordagem que extrapolem o limitado espaço de quatro paredes, principalmente nos dias de hoje, em que muitas vezes o aprendizado se dá através da busca do próprio indivíduo, como bem exemplificam os ambientes virtuais destinados à formação profissional contínua, uma realidade já consolidada no panorama atual de muitas universidades.

Com essa questão em mente, como professores de redação da Escola de Especialistas de Aeronáutica (doravante EEAR), situada em Guaratinguetá-SP, buscamos criar um ambiente virtual que atendesse primeiramente aos anseios dos nossos alunos, todos com Ensino Médio completo, oferecendo a eles um conteúdo que fosse reflexo de sua vivência no curso. Empregamos para tanto uma ferramenta disponibilizada na *internet* bastante conhecida de nosso público chamada *blog*.

O *blog*, página da *web* atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica, já é uma realidade no ambiente acadêmico e seus resultados em termos de aprendizado são significativos, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

Diante das inúmeras vantagens e possibilidades de aplicação pedagógica dessa ferramenta é que vislumbramos como objetivos do desenvolvimento desse trabalho contemplar duas dimensões distintas porém indissociáveis e, na medida em que auxiliam na construção do raciocínio lógico, imprescindíveis — a leitura e a escrita —, por meio de uma fonte de consulta mais dinâmica, de modo a tornar os alunos leitores e produtores de texto mais proficientes e autônomos. Além disso, consideramos igualmente como objetivo desse trabalho criar um meio para a publicação dos textos dos alunos, estimulando-os a desenvolver as habilidades da leitura e da escrita.

Com isso estaremos contribuindo não só para os estudos na área de leitura e produção de textos com um material genuinamente concebido a partir das reais inquietações surgidas em sala de aula, como também para a construção dos valores de autoestima dos alunos, através da prática da cidadania.

Embasamento Teórico



Revista Tecnologias na Educação—Ano 3—Número2—Dezembro 2011

<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br>

Adotamos, como fundamentação teórica para o tratamento dos textos que serviram como *corpus* de análise para este relato de experiência, os pressupostos teóricos de M. Bakhtin sobre dialogismo e polifonia, bem como sobre gêneros do discurso na medida em que os textos produzidos pelos alunos, tradicionalmente tratados como redação escolar, são considerados, segundo Costa (2008, p. 138), como um gênero discursivo.

De acordo com a teoria bakhtiniana, a noção de gênero discursivo vincula-se a uma atividade social, que pressupõe, pela própria natureza, uma interação dialógica do processo comunicativo, o que o situa como esfera de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra.

Nesse sentido, os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica.

Como afirma Bakhtin, (*apud* BRAIT, 2005, p. 155),

a riqueza e diversidade dos gêneros discursivos é imensa, porque as possibilidades da atividade humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera.

Ato de linguagem de um nível de complexidade superior, um gênero de discurso encontra-se submetido a um conjunto de condições de êxito. Essas condições envolvem elementos de ordens diversas, especialmente as que se seguem (MAINGUENEAU, 2004): *a) uma finalidade reconhecida*: todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa. Essa finalidade se define ao se responder à questão implícita: “Estamos aqui para dizer ou fazer o quê?”; *b) o estatuto de parceiros legítimos*: que papel devem assumir o enunciador e o coenunciador? Nos diferentes gêneros de discurso, já se determina de quem parte e a quem se dirige a fala; *c) o lugar e o momento legítimos*: todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento. Não se trata de coerções “externas”, mas de algo constitutivo; *d) um suporte material*: uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso — um debate político pela televisão é um gênero de discurso totalmente diferente de um debate em uma sala para um público exclusivamente formado pelos ouvintes presentes. Entra-se, com isso, em um campo ao qual se atribui



atualmente uma grande importância: a dimensão *midológica* dos enunciados. Assim, uma dissertação elaborada numa situação de avaliação em sala de aula e redigida numa folha de papel a ser entregue ao professor difere-se totalmente de uma dissertação postada num *blog*, sujeita, portanto, a um público indistinto e de número indefinido; e) *uma organização textual*: todo gênero de discurso está associado a uma certa *organização textual*. Esses modos de organização podem ser objeto de uma aprendizagem: a dissertação, as anotações de síntese etc., se ensinam; outros gêneros, na realidade a maioria, são aprendidos por impregnação (o provérbio, por exemplo).

Metodologia do Trabalho

As atividades aplicadas aos alunos da 2ª série da Turma Alfa de 2011 do Curso de Formação de Sargentos (CFS) da EEAR seguiram a metodologia para o ensino de gêneros sugerida por Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004) chamada *sequência didática*. Para os autores (2004, p.97), “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto”.

Assim, a primeira parte da sequência didática obedeceu basicamente aos seguintes passos:

1. Sem que se fornecesse qualquer informação, foi apresentado o seguinte tema de dissertação para que os alunos desenvolvessem, a partir, portanto, apenas do conhecimento prévio que tinham sobre o assunto, um texto dissertativo: *Soltar balões é uma simples manifestação cultural brasileira. Os governantes deveriam liberar essa atividade, já que sua obrigação é zelar pelo patrimônio cultural da nação* (Válter Azevedo, 35 anos, vendedor).

Como você se posiciona com relação à prática de se soltar balões nas festas juninas?

2. Recebidos os textos produzidos pelos alunos, o professor leu as dissertações para que eles, agora de posse de algumas informações sobre o assunto e após intensa discussão em sala de aula, pudessem reescrevê-las, com a possibilidade, inclusive, de mudar o posicionamento inicial.

3. Feitas as reformulações, os alunos entregaram novamente os textos, que passaram por algumas intervenções de ordem gramatical e estilística para que, finalmente, fossem postados no *blog* aqueles que apresentassem melhores resultados no que se refere tanto à estrutura dissertativa quanto à linguagem e ao conteúdo. Assim, de um total de 39



textos, cinco foram selecionados e encontram-se publicados no letraseartes.blogspot.com, na coluna “Balões: patrimônio cultural ou crime ambiental?”. Há que se ressaltar que, por unanimidade, os alunos defenderam o posicionamento contra a prática de se soltar balões, mesmo após o fornecimento de uma série de informações das quais eles não tinham conhecimento (passo dois da sequência didática).

Após a postagem, o acesso ao *blog* aumentou significativamente, provavelmente em razão de uma entrevista realizada pelo LetrasEEARtes com o Diretor Presidente da SABRIO (Sociedade Amigos do Balão do Rio de Janeiro) Marcos Real, que esclareceu uma série de questões, muitas das quais criticadas pelos próprios alunos em sua argumentação, e que foi postada no *blog*, na coluna intitulada “Entre Vistas”, e também no *site* da SABRIO.

Assim, amantes da prática de se soltar balões postaram comentários indignados com o posicionamento defendido pelos alunos, dirigindo-se pessoalmente aos autores dos textos de maneira irônica com relação à falta de conhecimento dos futuros especialistas de Aeronáutica sobre o assunto.

Nesse momento então, chegou-se à segunda parte da sequência didática:

4. A partir dos comentários feitos pelos internautas e de posse dos conhecimentos como sargentos especialistas, os alunos deveriam contra-argumentar, tentando rebater os argumentos postados nos comentários.

Resultados obtidos

Com essa metodologia, objetivava-se despertar no aluno não só a motivação para a produção escrita, mas também a participação crítica de transformação da sociedade, que transcende as quatro paredes da sala de aula, para o que a utilização do recurso tecnológico *blog* exerceu papel fundamental. Aliás, a própria educomunicação foi consolidada como

um novo campo e a existência de algumas áreas de intervenção social, típicas das práticas Educomunicativas, identificadas como: (...) *a área da mediação tecnológica na educação*, compreendendo o estudo das transformações trazidas ao cotidiano da vida social pelas tecnologias da informação e por seu uso nos processos educativos (SCHAUN, 2002, p. 11 e 12).



Isso porque, ao interagir com outros interlocutores por meio da *internet*, o produtor de texto (no caso, o aluno) deixou de ter como único leitor apenas o seu professor, o que representava uma situação artificial de produção, ou, no mínimo, bastante distante da realidade porque sem um objetivo social, a não ser “obter uma nota”.

Com a utilização do *blog*, a redação ultrapassou as fronteiras do âmbito escolar e passou a atuar na sociedade, posto que adquiriu uma função social por meio da circulação *on-line*, constituindo-se num gênero discursivo.

Mesmo sem ter estudado as TICs,

é possível entrar em contato com as repercussões das formulações de Bakhtin sobre os gêneros discursivos no contexto das interações de uma cultura dialogicizada não apenas pela palavra, mas por linguagens da comunicação, seja dos ritos ou das mediações tecnológicas. Afinal, ao refletir sobre o diálogo como forma elementar da comunicação, Bakhtin valorizou, indistintamente, esferas de usos da linguagem que não estão circunscritas aos limites de um único meio. Com isso, abriu caminho para as realizações que estão além dos domínios da voz como, por exemplo, os meios de comunicação de massa ou as mídias eletrônico-digitais (BRAIT, 2005, p. 163).

Para melhor discussão dos resultados, transcrevemos como amostragem um dos textos publicados antes dos comentários (TEXTO A) e um (TEXTO B), também publicado, feito a partir dos comentários:

TEXTO A

Perigo no ar

Aluna A. B. R. L. - 2ª série - Turma Alfa

Soltar balões é uma cultura bastante antiga em certas regiões brasileiras. Apesar de alguns a praticarem em qualquer época do ano, ela é mais frequente no período junino. Essa prática pode até ser divertida para quem faz e solta balões, ou para quem apenas observa, mas algumas vezes essa diversão pode se converter em dor e tristeza.

Um dos maiores danos que os balões podem causar ao meio ambiente são os incêndios nas florestas, principalmente em épocas de seca, podendo causar ainda a



morte de dezenas de animais, dependendo da intensidade do fogo. Mais perigoso ainda é quando o balão cai em áreas residenciais, chocando-se com fios de alta tensão, provocando transtornos e/ou mais incêndios. Anualmente, há vários casos de balões que caem em residências, ferindo ou matando pessoas inocentes.

A Sociedade Amigos do Balão, sediada no Rio de Janeiro, tenta convencer a população de que se pode soltar balões com segurança. Isso porque os balões que são fabricados e soltos por tal entidade não possuem buchas incandescentes, conseqüentemente não oferecem o risco de um incêndio. Porém ainda podem trazer sérios problemas à aviação.

Por isso, o Governo não deve liberar a prática de soltar balões, porque, no mesmo momento em que estaria permitindo o cultivo de um "patrimônio cultural", estaria colocando em risco a vida dos cidadãos e da natureza, que são muito mais importantes.

TEXTO B

Balões e seus riscos

Aluna A. F. - 2ª série - Turma Alfa

A prática de se soltar balões é uma atividade muito comum nos meses de junho e julho, época em que se comemoram as festas juninas, as quais fazem parte do folclore brasileiro. Apesar de ser muito bonito ver os balões subindo e colorindo o céu, os balões de bucha são muito perigosos e, quando caem, podem causar destruições. Por isso, foram criados os balões de ar quente, que são muito mais seguros, porém eles ainda são um risco para a aviação.

O folclore brasileiro é repleto de elementos típicos que servem de símbolo para nossa cultura. Da mesma forma que os balões representam a cultura do país e simbolizam as festas juninas, fatores, por exemplo, como danças, roupas, comidas, enfeites, entre outras tradições, também constituem essas festas e são inofensivos, o que permite que continuem sendo conservados.

Muitos acham que, quando se fala da proibição da soltura de balões com fogo, está-se acabando com o folclore, mas não é essa a mensagem que o governo passou quando proibiu essa prática em prol da segurança de todos. Apesar dessa posição do



governo, existe a Sociedade Amigos do Balão, que auxilia a prática da soltura de balões sem bucha, os quais ainda assim devem ser soltos com cautela e em áreas distantes.

Por morarem em cidades pequenas, e nessas cidades geralmente as leis serem mais respeitadas, algumas pessoas tiram conclusões precipitadas e afirmam que não ocorrem acidentes com balões em residências ou matas, por exemplo, em lugar nenhum do Brasil. Há pouco tempo, o Fantástico exibiu uma reportagem que falava exatamente de acidentes que ocorreram em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Mas esse tipo de acidente não ocorre somente nessas cidades, pode acontecer em qualquer outro lugar. Por isso se deve proibir a prática de se soltar balões, exatamente pela razão de não se querer ferir alguém ou destruir a natureza. Nos dias em que vivemos, vários fatos são muito mais perigosos que a queda de um balão em um lugar desapropriado, como bala perdida, falta de amor ao próximo, políticos corruptos, entres outros, mas não precisamos deixar que os balões sejam mais um motivo para destruir a sociedade.

Hoje em dia, a aviação está muito modernizada, mas ainda não foi inventada uma forma de se controlarem balões desabitados, por isso os balões, mesmo que sejam de ar quente, continuam sendo um risco para o controle de tráfego aéreo. E como controladora, posso dizer que os balões são tão perigosos como uma colisão com um pássaro ou com outra aeronave. A maioria dos controladores opera com mais de dez pontos na tela do radar; se aparece mais um ponto não identificado e que não pode ser controlado, a probabilidade de ocorrer uma colisão é muito alta, pois o balão pode ser sugado por uma turbina, por exemplo, e isso resultaria na queda do avião e na morte de centenas de pessoas. A velocidade de um avião é muito alta, e não há condições de uma aeronave de grande porte, principalmente, fazer uma manobra para contornar um balão; isso seria muito perigoso para a aeronave.

Enfim, a soltura de balões com bucha é crime e proibida por lei. O fato de, com a criação do balão de ar quente, a prática ser autorizada desde que seja supervisionada, controlada e em área reservada não elimina os riscos para a aviação. Não se pede que termine com o folclore, e este não deixaria de existir por causa da ausência do balão. Não é necessário fazer do balão mais uma causa para a destruição da sociedade, morte de pessoas e animais e destruição da natureza. Quanto menos fatores existirem para contribuir com essas destruições, melhor o Brasil pode ficar.



Percebe-se, numa primeira leitura, que ambos os textos possuem algumas informações em comum, como se referirem à prática de se soltar balões como típica no Brasil nos meses de junho e julho em razão das festas juninas, informação presente logo no primeiro parágrafo da introdução, com a diferença de que, no texto B, o autor já se pronuncia contrário a essa prática, mesmo no caso de balões de ar quente.

Além disso, ainda que, no texto A, o autor faça uma alusão à Sociedade Amigos do Balão, recurso pelo qual se pronuncia uma outra voz no texto, no texto B, o outro, constitutivo do discurso, emerge de maneira muito mais proeminente, conforme demarcam as seguintes expressões, chamadas *modalizadores*, cuja função, entre outras, é remeter ao discurso de outra pessoa: *Muitos acham que/, Apesar dessa posição do governo/, algumas pessoas tiram conclusões precipitadas e afirmam que/, o Fantástico exibiu uma reportagem que falava/, E como controladora, posso dizer que.*

Ocorre, assim, o fenômeno da polifonia, teoria defendida por Bakhtin (*apud* BRANDÃO, 1998, p. 51). Na verdade, para o linguista russo, o dialogismo é uma condição constitutiva do sentido. Portanto, em se tratando de uma dissertação, cujo objetivo principal é o de convencer o interlocutor de um ponto de vista através de argumentos, quanto mais o outro constituir o discurso, maior a identificação e a possibilidade de se convencer.

No que diz respeito ao texto A, as condições de produção, que se referem à primeira parte da sequência didática, restringiram-se ao contexto da aula praticamente e, com isso, não foram muito favoráveis a uma tomada de posição de um enunciador que se posicionasse de maneira mais comprometida com a realidade encarada como problema.

Já no texto B, cujas condições de produção diferem sobremaneira das do texto A (a dissertação agora funciona como uma resposta aos argumentos postados nos comentários, numa situação real de comunicação virtual) até pelo emprego da primeira pessoa do singular (*E como controladora, posso dizer que*), diferentemente do texto A, redigido na terceira pessoa do singular, o enunciador como que se responsabiliza, com um tom de autoridade ao identificar-se como controladora, pelo enunciado ao manifestar-se como “eu” no discurso. A essa noção de “responsabilidade” associam-se dois tipos de operação:



situar-se como fonte de *referências enunciativas*, ancorar o enunciado na situação de comunicação; posicionar-se como *responsável pelo ato de fala* realizado (asserção, pedido, ordem, pergunta, etc.). Enunciar uma asserção, por exemplo, é apresentar seu enunciado como verdadeiro e garantir a sua veracidade (MAINGUENEAU, 2004, p. 137).

E esse engajamento, esse envolvimento do enunciador com o discurso por ele enunciado, tão precioso para a dissertação, foi, pelo que se pôde constatar, promovido pela utilização do recurso tecnológico *blog*.

Conclui-se, portanto, que os resultados pedagógicos obtidos com a utilização do *blog* para a aula de redação foram qualitativamente enriquecedores. Para o aluno, porque se vê mais motivado a produzir pela possibilidade não só de ter seu texto publicado e assim adquirir mais visibilidade, mas também de interagir com outras pessoas que não apenas aquelas do seu âmbito escolar, por meio da postagem de comentários. Para o professor, pois vê seu trabalho ser recompensado com um resultado efetivamente bem-sucedido.

No que se refere a termos quantitativos, como ainda estamos no início do projeto (em vigor desde fevereiro deste ano), acreditamos que muitos resultados certamente virão, já que o dinamismo, o não conformismo e o dialogismo são fatores intrínsecos a todo trabalho educativo que tem por objetivo principal incitar a participação crítica daqueles diretamente relacionados a ele.

Referências Bibliográficas

BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005. 223 p.

BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à análise do discurso*. 7 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998. 96 p.

COSTA, S.R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. E colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.



MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004. 238 p.

SCHAUN, A. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

Recebido em : Outubro 2011

Aceito: Novembro 2011

